



ESHOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 12 de agosto de 2025 » Ano XXV » N° 1162
Edição Gratuita Diário » www.eshoje.com.br

 /eshoje

 @eshoje

 eshoje

 eshoje

CIÊNCIA

**Poluição
mundial dos
plásticos » 4**

DIVULGAÇÃO



ARTIGO

**A troca da
lucidez por
vantagens » 2**

ESHOJE



CULTURA

**Estímulo para
a cidade se
movimentar » 5**

DIVULGAÇÃO



Pacientes diabetes tipo 1 lutam por acesso a insulina

Segundo a Anvisa, há quatro registros válidos de bombas junto ao órgão até o momento, todas de uma mesma empresa norte-americana » 3

DIVULGAÇÃO



GUSTAVO VARELLA CABRAL

Bater palmas para maluco dançar

A expressão "bater palmas para maluco dançar" é uma metáfora usada no Brasil para descrever uma situação em que alguém está incentivando ou dando atenção a uma pessoa que está fazendo ou dizendo algo sem sentido ou produto de delírio. Em outras palavras, significa que ao dar atenção ou apoio a alguém que está agindo de maneira excêntrica ou imprópria, está-se, de certa forma, aprovando aquilo. Esse comportamento, na maioria das vezes, decorre daquela máxima "não discuta com louco, para não terminar como ele" ou até por piedade ou "diversão", para não piorar a situação ou para rir-se dela.

Mas outro resultado pode ocorrer: o louco se sente empoderado, estimulado, persistindo e aumentando seu delírio, chegando às raias de provocar confusão entre a realidade e o surto em muita gente que não conhece a situação, mas que respeita aquele que, por omissão, deixou o maluco falando e fazendo o que quis.

Como estudante e profissional do Direito que sou há mais de 35 anos, tenho ouvido e lido, cada dia mais estarecido, determinadas falas e textos de alguns outros igualmente operadores que a mim me permitem só duas conclusões: ou estou maluco e tudo o que estudei e vi até agora é fruto de minha surreal interpretação das leis e fundamentos, ou tem gente que está renunciando ou vendendo sua lucidez e sua dignidade em troca de alguma vantagem caso essas malquices levem seus protagonistas ao poder, o que, penso, pode até ser uma estratégia inteligente, mas não deixa de ser indecorosa e desonesta, adjetivos que crescem na mesma medida da imagem social e profissional de quem assim age.

Tentando resvalar minimamente em questões ideológicas, protagonismos políticos e em outros elementos subjetivos muito pessoais, tenho buscado, à todos que me indagam ou pedem minha opinião sobre fatos e situações envolvam decisões judiciais ou questões afetas ao momento que vivemos no Brasil, responder de maneira objetiva, quase sempre - quando meu interlocutor é alguém que não te-

ve acesso à formação acadêmica - agregando algum exemplo ou sugerindo algum complemento que entenda interessante à formação de sua opinião. Aliás, vale o registro, dialogar, nem que seja por respeito à sua raiz etimológica, pressupõe duas pessoas compartilhando excertos de sua racionalidade, de maneira que entre um louco e alguém mentalmente são ele jamais ocorrerá, porque o primeiro trará seus mitos e impressões surreais, e o outro não conseguirá argumentar com fatos e elementos da realidade.

Outro cuidado que tenho tomado, pelo menos para preservar um mínimo de honestidade intelectual, é o de medir o tamanho de minha ignorância sobre qualquer assunto que me chega à discussão, já que não me permito o ridículo de debater, principalmente com a profundidade que vejo fazê-lo algumas pessoas sabidamente ignorantes do tema, questões que fogem aos meus limitados atributos intelectuais e culturais (e todos nós somos impressionantemente ignorantes na quase infinita vastidão do conhecimento produzido pelo homem), protagonizando situações vergonhosas como a de um paciente que insiste com o médico que o receitara uma injeção de vitamina B12, que "duas de B6" fariam o mesmo efeito.

Ou como alguém que teime com um eletricitista que ligar um aparelho - para cujo funcionamento demanda corrente de 220 Volts - em duas tomadas "de 110" produzirá o

mesmo efeito. Pois cada dia mais surgem, a respeito de fatos e elementos muitos deles comuns e corriqueiros no ambiente de processos judiciais, falas das mais absurdas, não apenas despidas de veracidade e lógica, mas revestidas de tamanha ignorância que parecem fruto de algum delírio dessas figuras acima mencionadas, afetadas por alguma moléstia mental. Ou, suspeito, tenham o propósito de, semeando o caos e a discórdia, confundir as pessoas de boa-fé (independentemente de suas matizes ideológicas), criado nelas a ideia de que as instituições nacionais (que sofrem, claro, como toda "empresa humana", problemas e vícios) são, a rigor, uma espécie de empreendimento de quadrilhas, com seus integrantes todos eles vinculados a empreitadas criminosas.

Ouvir de alguém que não tem a menor noção de como as coisas funcionam (como um matuto supersticioso que prefere morrer de inanição do que consumir "manga com leite"), de como se organiza o sistema judiciário, de quais são os limites de competência, de como funcionam as regras processuais, o sistema de recursos e o ambiente dos processos, que "decisão judicial ilegal não tem que ser cumprida", ou que "quem manda no país é o fulano de tal", ou insinuando que alguém, a quem a Polícia Federal ou o Ministério Público atribuiu a prática de um crime ou contra quem pediu a decretação de determinada medida prevista no ordenamento jurídico, é "preso

político", "vítima de uma trama armada para atacar a família e os homens de bem", até que permite alguma compreensão, visto que, como dito, somos todos impressionantemente obtusos em relação à maior parte das coisas que nos cercam.

Porém, escutar isso de quem pelo menos possui um diploma de direito pendurado na parede, ou, pior, seu silêncio, quando essas falas surgem em postagens nas redes sociais, comentários feitos em matérias jornalísticas ou mesmo em "desafios" pessoais muito comuns nos ambientes sociais, a mim me repugna não apenas pelo viés do direito, mas pelo prisma da dignidade.

Debates são absolutamente necessários ao desenvolvimento de uma sociedade civilizada, e seu fomento impõe que opiniões diversas, às vezes diametralmente, sejam consideradas até o exato limite em que trazem embutidos conceitos e valores como "nazismo", "escravidão" ou outras perspectivas desumanas e degradantes, ponto a partir do qual devem ser repudiadas com veemência. Nos meios jurídico e judiciário são absolutamente saudáveis as divergências quando tratadas, com mais ou menos veemência, no propósito de construir, reparar ou melhorar alguns conceitos e práticas.

É absolutamente comum e desejável que profissionais do direito, mais ainda as instituições que representam, se empenhem do aprimoramento de suas tarefas, na

qualificação de suas rotinas, no fortalecimento de garantias e mecanismos capazes de promover o que se denomina paz social, visto que o oposto, qual seja a cacofonia de absurdos e inverdades, somente produz insegurança, incerteza, violência, desordem e dor.

É natural do ambiente político (sejam seus protagonistas investidos de mandato ou o próprio cidadão exercendo a defesa de seus valores e perspectivas) a dessintonia, a divergência, mesmo acaloradas refregas sobre variados assuntos, mas é inadmissível que, por omissão ou compadrio indecente de quem teve a oportunidade de estudar e conhecer como as coisas funcionam, determinadas práticas e condutas sejam vistas como "liberdade de expressão" ou "defesa de valores morais ou éticos" quando são, apenas e tão somente, ardis, artifícios, vetores de promoção do que se chama de "terra arrasada", do indecente "quanto pior melhor", principalmente quando seus resultados, ao permitimos que esse tipo de delinquência moral ganhe espaço, colhem, de modo inverso, dois únicos grupos de pessoas: de um lado um punhado de beneficiados pela degradação, como quem defende que se ateie fogo a uma grande floresta para depois comprar as terras mortas por um preço ínfimo, e, de outro, centenas de milhões de indivíduos, aos quais vão chegar apenas os "boletos" para pagarem a "conta", dentre eles muitos dos que "bateram palma para maluco dançar".



Vamos construir
juntos os próximos
capítulos dessa

HISTÓRIA?

Pacientes diabetes tipo 1 lutam por acesso a bombas

Único jeito hoje de conseguir com que o plano de saúde arque com custos é por via judicial

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

DIVULGAÇÃO

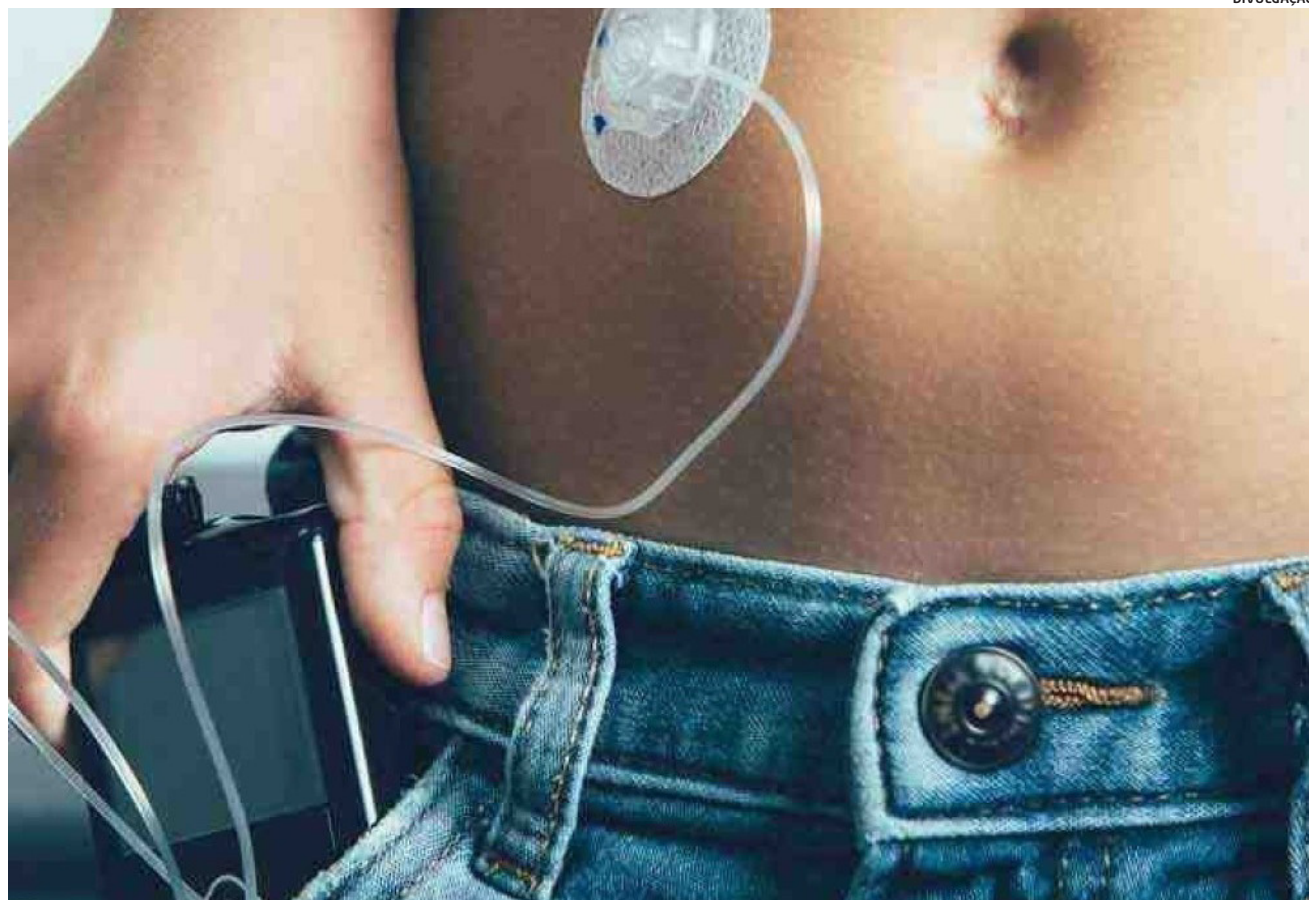
Hannah vai dormir à noite sem saber como sua taxa de glicemia irá acordar. Durante a madrugada, o medidor vai de 150 para 300, e depois pode despencar para 40 num piscar de olhos. Há cerca de três meses, a garota de 11 anos teve uma grave crise de hipoglicemia que a levou a convulsões e a ficar desacordada por mais de dez minutos.

Com o diagnóstico de diabetes tipo 1 há três anos, seu quadro é totalmente instável e descompensado, como conta sua mãe, a professora Darlene Azevedo de Souza Santo. "Eu diria que é uma luta constante. Porque tem mudança de insulina, mudanças de médico. Hoje eu tenho convênio, o que facilita um pouco, mas não cobre tudo, só as consultas. As medicações, não".

No caso de Hannah, que já teve complicações hepáticas por conta da diabetes e na pele pelas aplicações da caneta de insulina, seu médico diz que o uso de uma bomba de insulina é imprescindível. Hoje, a nomenclatura correta para esse dispositivo é sistema automatizado de insulina, que inclui a bomba, sensor e o algoritmo que a comanda. O sistema pode custar até R\$ 30 mil, mais uma manutenção mensal de aproximadamente R\$ 3.000.

O único jeito hoje de conseguir com que o plano de saúde arque

Especialistas destacam as vantagens de uso para quem tem crises constantes e menores de idade, pela facilidade de monitoria constante



REPRODUÇÃO DA INTERNET



“Quem faz uso prolongado de insulina ou tendo hipoglicemia, tem que evoluir a terapia”

Katia Melo, coordenadora SBD

com a bomba é por via judicial, se valendo de recursos financeiros e de tempo para entrar com uma ação jurídica pedindo a cobertura. Sem, claro, nenhuma garantia.

Para debater o assunto, o STJ (Superior Tribunal de Justiça) convocou uma audiência pública no dia 18 de agosto. "Como tem muita gente entrando com pedidos [de cobertura da bomba], e dentro do tribunal e nos estaduais têm decisões diferentes, o STJ quer decidir um entendimento que vai passar a valer para todo mundo", explica Stefano Ribeiro Ferri, especialista em Direito do Consumidor e da Saúde e assessor da 6ª Turma do Tribunal de Ética da OAB/SP.

A decisão final -favorável ou não- ainda não é um consenso no sistema judiciário, principalmente após uma mudança na legislação em 2022, que flexibiliza a obrigação dos planos de saúde de cobrirem algo que não consta no rol da ANS.

Ou seja, a audiência pública é para ouvir os terceiros interessados, fala Ferri, que são as entidades de saúde e qualquer pessoa que possa se interessar pelo tema. A partir dessa audiência pública, o STJ tomará uma decisão de uma nova jurisprudência -entendimento comum que irá orientar todos os tribunais estaduais- da corte. Seja favorável ao fornecimento pelos planos ou não.

Maior benefícios às crianças

DANIEL MIZIARA, advogado da SBD (Sociedade Brasileira de Diabetes), diz que a expectativa da comunidade é alta para um parecer favorável, já que existem dados relevantes mostrando a eficácia e importância das bombas de insulina no tratamento de diabetes.

Um ponto importante é que, mesmo frente a um parecer favorável, por ora os pacientes ainda só teriam acesso às bombas judicializando o caso. Porém, Miziara diz que, a depender do andamento da situação, o equipamento poderia vir a ser disponibilizado nem a necessidade de passar por um processo judicial.

A diferença principal do sistema automatizado de insulina para o sistema de canetas é um melhor controle da administração. "Pessoas com hipoglicemias severas, variabilidade glicêmica, que necessitam apoio, ajuda de outra pessoa, são as que mais se beneficiam", diz Marcio Krakauer, coordenador da Comissão de Inteligência Artificial e Tecnologias em Endocrinologia e Metabologia (Ciatem) da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM).

Entre as pessoas que mais se beneficiariam do dispositivo estão: crianças e adolescentes, gestantes ou mulheres que estão planejando uma gravidez e tam-

bém pessoas com neuropatia do diabetes, uma complicação nos nervos periféricos. Ou seja, todas as pessoas com o diagnóstico de diabetes tipo 1.

"A criança não vai olhar para a mãe e dizer que está com hipoglicemia. Então o pai e a mãe vivem uma loucura para identificar as hipoglicemias. Quem não usa sensor ou bomba, fica nessa aflição com as crianças", lembra Karla Melo, coordenadora do Departamento de Saúde Pública da Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD).

Segundo o Ministério da Saúde, "a tecnologia foi analisada em dezembro de 2024 e recebeu recomendação desfavorável à incorporação, uma vez que a monitorização já é ofertada pelo SUS na forma de medição por fitas".

Algumas pessoas, como Hannah, se beneficiam e aumentariam sua qualidade de vida com tecnologias mais avançadas para o controle do diabetes tipo 1. Hoje, apesar de o SUS fornecer um tratamento eficaz e completo para a doença, para alguns pode não ser o suficiente.

"A pessoa que está em uso de uma insulina análoga basal e prolongado, e está tendo hipoglicemias graves, noturnas ou muito frequentes no dia a dia, ela tem que evoluir para o próximo pas-

so terapêutico", diz Melo.

Segundo a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), há quatro registros válidos de bombas junto ao órgão até o momento. No entanto, todos são da mesma empresa, de diferentes modelos, dos Estados Unidos. A Agência afirma que não há nenhum outro dispositivo na fila de análise.

A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) afirma que "o fornecimento de equipamentos, insumos e medicamentos relacionados à bomba de insulina para tratamento de diabetes, em domicílio, não constam no rol e não possuem cobertura obrigatória pelos planos privados de assistência à saúde".

“Pessoas com hipoglicemias severas, variabilidade glicêmica, que necessitam apoio, ajuda de outra pessoa, são as que mais se beneficiam”

Marcio Krakauer, endócrino

Entenda a crise de poluição plástica em oito pontos

Uma das principais fontes de poluição são os produtos de uso único, como garrafas de bebidas

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Mais lixo plástico escapa para o oceano (22%) do que é coletado para reciclagem (15%), segundo estudo da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) e apenas 9% dos resíduos plásticos são de fato reciclados no mundo.

Ao mesmo tempo, o uso global de plástico, que quadruplicou nos últimos 30 anos, deve dobrar até 2060. E fragmentos, os chamados microplásticos, foram encontrados quase todas as partes do corpo humano.

Entenda o tamanho da encresca em oito pontos baseados em informações do Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente).

Nesta quinta-feira (14), está prevista assinatura de um tratado mundial contra a poluição plástica, em Genebra.

1. Quanto plástico existe no mundo?

Hoje os plásticos são parte essencial do mundo moderno. Estão em peças de automóveis, utensílios médicos e domésticos, roupas e embalagens de todo tipo. O uso global de plástico quadruplicou nos últimos 30 anos e pode dobrar até 2060. Pesquisadores estimam que, desde a década de 1950, a humanidade tenha produzido 9,2 bilhões de toneladas de material, das quais cerca de 7 bilhões de toneladas se tornaram resíduos.

2. Quais são os tipos de plásticos mais problemáticos?

Uma das principais fontes de poluição plástica são os produtos de uso único, como garrafas

de bebidas, sacos e sacolas, bandejas de isopor, marmitas, frascos de xampu, filme plástico, talheres, copos e pratos descartáveis. Eles sobrecarregam os sistemas de resíduos e também vazam para o meio ambiente.

3. Onde há poluição plástica?

Em quase todos os lugares: lagos, rios e no oceano, nas ruas das cidades e nos campos. Pesquisadores já encontraram detritos plásticos no Monte Everest e na Fossa das Marianas, o ponto mais profundo da Terra.

4. Por que a poluição plástica é um problema sério?

Por três motivos principais. Primeiro porque ela pode causar estragos em ecossistemas, desde impacto no crescimento de pequenas algas marinhas até porque peixes e aves ingerem esses resíduos por engano, enchendo seus estômagos com fragmentos plásticos, que os levam a morrer de fome.

Segundo, o plástico se decompõe em microplásticos e nanoplásticos que já foram encontrados em várias partes do corpo humano, como coração, cérebro, testículos e até no leite materno. Terceiro, o ciclo de vida do plástico, da sua produção ao descarte, também contribui para as mudanças climáticas. Plástico é um derivado do petróleo e sua produção consome muita energia.

5. Os microplásticos fazem mal à saúde humana?

Há indícios de que sua presença nos organismos humanos possa estar relacionada a doenças cardiovasculares e disfunções hormonais. Pesquisadores têm trabalhado na investigação desses e outros efeitos por causa da quantidade



REPRODUÇÃO DA INTERNET

Os sistemas de reciclagem não conseguem acompanhar o avanço da produção plástica no mundo

de de microplásticos que estamos ingerindo. Um estudo estimou que podemos estar ingerindo 5 gramas, equivalentes a um cartão de crédito, por semana.

6. A reciclagem sozinha pode acabar com a crise da poluição plástica?

Não. Apenas cerca de 9% dos plásticos são realmente reciclados, de acordo com um estudo da OCDE. Isso porque muitos produtos plásticos não foram projetados para serem reutilizados nem reciclados. Os sistemas de reciclagem não conseguiram acompanhar o avanço da produção e do descarte de plásticos. E muitos países não têm a infraestrutura necessária para coletar e reciclar es-

ses resíduos, que são muito variados, cada um com seu próprio processo de reciclagem.

7. Então, como combater a poluição plástica?

Primeiro, evitar que plásticos continuem a vazar para o meio ambiente. Mas especialistas apontam que é preciso pensar além da reciclagem e repensar o ciclo de vida do plástico, seu design, produção e descarte. Isso significa redesenhar produtos para que durem mais e sejam menos perigosos, possam ser reutilizados e, por fim, reciclados.

8. O que tem sido feito globalmente em relação à poluição plástica?

Muitos países criaram leis para controlar o uso de produtos plásticos de uso único, do Reino Unido a Ruanda, da Coreia do Sul à Colômbia. Também regulamentaram a responsabilidade dos fabricantes de plástico pela embalagem dos produtos que colocam no mercado. A poluição plástica, no entanto, é um problema transfronteiriço, que requer cooperação internacional. Está sendo negociado um Tratado Global de Combate à Poluição Plástica no âmbito do Comitê de Negociação Intergovernamental da ONU. As lideranças mundiais nas negociações reconhecem a gravidade da crise de poluição plástica e há pressão para um acordo juridicamente vinculante.

Seja no impresso ou no digital

AQUI VOCÊ PUBLICA, NO MELHOR PREÇO DE MERCADO, A SUA PUBLICAÇÃO LEGAL.



h)ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

Quando a cidade se torna movimento gera impacto

Movimento Cidade é um processo contínuo de escuta, ocupação, criação e resistência

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Em um tempo em que as cidades enfrentam os desafios do crescimento desordenado, da desigualdade social e perda de espaços públicos vivos, um grupo no Espírito Santo vem propondo uma forma diferente de habitar, pensar e transformar o território. O Movimento Cidade nasceu como uma articulação coletiva que une artistas, educadores, arquitetos, urbanistas, ativistas e moradores em torno de uma ideia simples, mas profundamente transformadora: a cidade é de todos e deve ser construída com todos.

Muito além de um projeto pontual, o Movimento Cidade é um processo contínuo de escuta, ocupação, criação e resistência. Ele propõe uma cidade que se move a partir das histórias de seus habitantes, das contradições de seu tecido urbano e das possibilidades que surgem quando arte, educação e política se entrelaçam no cotidiano. Caminhar pela cidade, observar suas brechas e escutar seus ruídos torna-se, nesse contexto, uma ação estética e política.

Um dos pilares do Movimento é o direito à cidade, que se refere à democratização do espaço urbano e ao acesso a tudo que a cidade oferece: mobilidade, cultura, lazer, natureza, cuidado, pertencimento. A entrevista de hoje é com **Luísa Costa**, à frente do projeto, que fala dos desafios urbanos, que exigem mais escuta, mais participação e mais sensibilidade.

ES Hoje: O que é o Movimento Cidade e qual a sua missão cultural?

Luísa Costa: É um movimento de cultura urbana. Com o lema "Cidade são Pessoas", o Movimento Cidade se identifica como um movimento de causa pela cultura na cidade que conecta e convida os movimentos sociais, artísticos e culturais emergentes a refletir sobre uma cidade melhor para todos através da arte. O objetivo central do MC é estimular atitudes sustentáveis para promover novos movimentos de interação com a cidade pelo espírito criativo, valorizando prioritariamente a cultura periférica e ações socioculturais de impacto positivo. Tem como propósito tornar as cidades mais humanas, felizes, criativas, justas e diversas.

Quando e onde surgiu o MC?

O projeto nasceu no Espírito



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Reflexão, impactos positivos, cultura periférica, música, dança e audiovisual se encontram no MC

Santo em 2018, como uma Mostra de Cinema e Mobilidade Urbana. Se tratava de uma mostra de cinema para falar sobre mobilidade urbana, com pedala lúdica pela cidade, bate-papos sobre urbanismo e mostra de cinema com temáticas de sustentabilidade. Desde 2022, a marca se expandiu pelo Brasil, alcançando mais de 15 cidades em 10 estados e no Distrito Federal. Em 2025, teve sua primeira atuação internacional, com duas intervenções artísticas e um bate-papo no México.

Quais são os principais formatos e segmentos que o festival inclui?

O DNA do Festival Movimento Cidade é no audiovisual. Neste ano, teremos 3 mostras: a Mostra Cinética, Memórias que Movem e CLIP com uma média de 20 conteúdos audiovisuais que serão exibidos durante o Festival. Foram mais de 700 inscrições de todo o país, além de curadoria. Os filmes



exploram temas ligados à representatividade LGBTQIA+, identidade cultural, saberes ancestrais indígenas e afro-brasileiros, vivências periféricas, além de questões de gênero e sexualidade. Além disso, teremos batalhas, intervenções

artísticas, oficinas (MC.Mulheres), atividades infantis (Pequeno MC) e ações de wellness com o Movimento Movimenta.

Como o evento tem se expandido geograficamente?

Ocupando novos espaços da cidade, neste ano o Movimento Cidade se expande e, além do Festival, na Prainha, vai contar com atividades culturais em vários pontos das cidades, como Parque Cultural Casa do Governador, Mocidade Unida da Glória e Sebrae. São ações variadas em cada espaço, revelando uma programação intensa e diversa que ecoa as belezas, encontros e voz coletiva das duas cidades.

Quantas pessoas já foram impactadas pelo evento e em quantas cidades o Movimento já atuou?

O Festival já é realizado há 6 edições e já recebeu mais de 150 mil participantes. O Movimento já esteve em 11 estados + Distrito Fede-

ral e em 17 cidades, incluindo a Cidade do México, na América Latina.

Quais são os momentos programáticos e como eles se articulam para com o festival?

Além do Festival Movimento Cidade, em 2025 o Movimento Cidade se expande para outros eixos: MC.Mulheres, oficinas para mulheres negras selecionadas, o Movimento Movimenta, com atividades matinais de bem-estar, esporte, +MC, um novo evento com Caetano Veloso, Marina Sena, Yago Oproprio, além de mostras de cinema e outras atividades, o NAV, after oficial com festa noturna, compondo uma jornada cultural do amanhecer à madrugada. Além disso, o Pequeno MC vai levar atividades para as crianças no Parque Cultural Casa do Governador, em VV.

Como se dá a parte colaborativa e social do Festival?

O Movimento Cidade sempre teve a sustentabilidade e a acessibilidade como pilares das suas ações. Desde 2024 foi criado o selo "Cidade São Pessoas" e o time de ESG do MC é responsável por uma série de ações como a limpeza da Prainha pós evento, área PCD reservada para pessoas com deficiência, lista de acesso para pessoas trans, arrecadação de alimentos e gratuidade do acesso.

De que forma o Movimento Cidade integra a dimensão audiovisual?

O Festival MC conta com a maior exibição de cinema a céu aberto do Espírito Santo. Em 2023 tivemos 7 mil pessoas assistindo simultaneamente os conteúdos. As mostras audiovisuais nacionais e locais selecionadas reforçam a integração das artes e trazem a linguagem audiovisual para mais próximo do público. Da difusão à produção, o MC é audiovisual. Nesta edição de 2025, foram mais de 700 inscrições de filmes de 1 a 15 minutos de todo o país para a Mostra Cinética.

Como funciona a estrutura de apoio ao evento?

O Movimento Cidade faz todas as suas ações através dos mecanismos de incentivo à Cultura desde o seu início, em 2018. Já são mais de 50 projetos realizados com apoio de grandes marcas como Petrobras, Meta, Nubank, Shell e outras. Nesse ano, temos patrocínio do Instituto Cultural Vale, Sebrae e Sesc, além do fomentado pelo Programa Funarte de Apoio a Ações Continuadas 2024 - Eventos Artísticos Calendarizados.